



## 22 DE OUTUBRO DE 2015

### Quinta-feira

- PRÉVIA DA CONFIANÇA DA INDÚSTRIA SOBE EM OUTUBRO APÓS BATER MÍNIMA HISTÓRICA, DIZ FGV
- BANCÁRIOS REJEITAM TERCEIRA PROPOSTA DE REAJUSTE E GREVE CONTINUA
- CRÉDITO BANCÁRIO PARA EMPRESAS ESTÁ MAIS DIFÍCIL, REVELA CNI
- CURITIBA É A "CAPITAL DA INFLAÇÃO" NOS ÚLTIMOS 12 MESES
- INADIMPLÊNCIA DAS EMPRESAS TEM ALTA ANUAL DE 7,3% NO 3º TRIMESTRE, DIZ BOA VISTA
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA TEM MENOR NÍVEL DESDE INÍCIO DA SÉRIE, EM 2005, DIZ FIRJAN
- CAMINHÕES E MERCADO CHINÊS IMPULSIONAM LUCRO DA GM NO 3º TRI
- FERRARI ESTREIA NA BOLSA DE NOVA YORK
- VALE TEM PREJUÍZO DE R\$ 6,7 BILHÕES NO 3º TRIMESTRE
- JURO BAIXO DO BNDES FORÇA O BC A MANTER TAXA BÁSICA TÃO ALTA
- AMAROK VENDIDA NO BRASIL TEM RESULTADO DE EMISSÕES ALTERADO, DIZ VW
- DÓLAR TEM 4.ª ALTA SEGUIDA E FECHA PERTO DE R\$ 3,95
- DILMA SANCIONA LEI QUE AUMENTA LIMITE DE DESCONTO DO CRÉDITO CONSIGNADO
- APÓS REBAIXAR BRASIL E EMPRESAS, FITCH CORTA NOTAS DE BANCOS
- FORD: RESILIÊNCIA DE ESTOQUES MOSTRA QUE CORTE DE PRODUÇÃO FOI INSUFICIENTE
- CEO DA VW DIZ QUE CONTA DO ESCÂNDALO PODE AUMENTAR
- DESEMPREGO FICA ESTÁVEL EM SETEMBRO, MAS RENDIMENTO REAL CAI NOVAMENTE

- GOVERNO VAI PROPOR IDADE MÍNIMA PARA APOSENTADORIA
- JEEP PRODUZ O PRIMEIRO CHEROKEE NA CHINA
- VOLATILIDADE É O "NOVO NORMAL" DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA NO MUNDO
- DÉFICIT EM AUTOPEÇAS SOMA US\$ 4,72 BI
- ESTRANGEIROS VISAM INVESTIMENTOS E RETORNOS MAIORES SOMENTE PARA 2017
- NO ANO, 17 INDÚSTRIAS JÁ FECHARAM AS PORTAS
- VW AVALIA SE SOFTWARE DE MOTOR A DIESEL MAIS RECENTE TAMBÉM FRAUDOU EMISSÕES
- MÜLLER: € 6,5 BI SÃO SÓ PARA COBRIR RECALL
- FORD QUER DEMITIR 500 EM CAMAÇARI
- NISSAN FAZ PARCERIA COM SCOOT NETWORKS PARA ESTUDO DE ELÉTRICOS NOS EUA
- MAN LANÇA PLANO DE MANUTENÇÃO PARA POWERTRAIN
- USO DA CAPACIDADE DO SETOR AUTOMOTIVO CAI PARA 48% EM 2015, MESMO NÍVEL DE 2002
- VOTORANTIM PARALISA SETOR DE ACIARIA DE USINA NO RIO DE JANEIRO
- AÇÕES DE EMPRESAS COM MENOR VALOR DE MERCADO LIDERAM RECUPERAÇÃO DO MERCADO CHINÊS
- GERDAU VAI CONTRATAR ATÉ US\$1 BILHÃO EM LINHA DE CRÉDITO GLOBAL
- DIRETOR FINANCEIRO DA GM PROJETA QUEDA DE 20% NAS VENDAS
- ENTIDADES DEFENDEM MEDIDAS ALTERNATIVAS PARA COMBATER CRISE ECONÔMICA
- MONTADORA PRODUZ MAIS DO QUE DEVERIA
- CRISE ESCONDE GRANDES OPORTUNIDADES
- INDÚSTRIA MINEIRA RECEBE COM DESAPONTAMENTO DECISÃO DE MANTER A SELIC EM 14,25%
- PARANÁ – PROGRAMAS DE PARCELAMENTO (PPI E PPD) PRORROGAÇÃO DE PRAZO
- REFIC 2015 – PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO FISCAL DE CURITIBA

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 22/10/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,929	3,930
<b>Euro</b>	4,385	4,387

**Fonte: BACEN**

### **Prévia da confiança da indústria sobe em outubro após bater mínima histórica, diz FGV**

22/10/2015 – Fonte: Reuters

A prévia do Índice de Confiança da Indústria (ICI) apontou alta de 2,4 por cento em outubro sobre o mês anterior, numa recuperação após o índice atingir a mínima histórica em setembro.

A Fundação Getulio Vargas (FGV) informou nesta quinta-feira que com isso o índice passaria a 67,6 por cento neste mês, sobre 66,0 pontos.

O que determinou o resultado da preliminar de outubro foi a melhora nas expectativas em relação aos meses seguintes, uma vez que a prévia do Índice de Expectativas (IE) indicou alta de 7,2 por cento.

Isso compensou a queda estimada de 1,9 por cento do Índice da Situação Atual (ISA) em relação a setembro, o que o levaria a 66,6 pontos, o menor nível da série histórica.

### **Bancários rejeitam terceira proposta de reajuste e greve continua**

22/10/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Os bancos apresentaram nesta quarta-feira (21) uma nova proposta de reajuste salarial com o objetivo de chegar a um acordo para fim da greve dos bancários, que entrou no 16º dia.

A Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), a representação sindical dos bancos, informou que ofereceu "uma nova proposta de reajuste, de 8,75%, aplicáveis aos salários, benefícios e participação nos lucros, com o objetivo de alcançar um acordo satisfatório a ambas as partes em negociação".

Procurada pelo **G1**, a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) ainda não se manifestou sobre a nova proposta.

Representantes dos bancos e dos grevistas realizam nesta quarta uma nova rodada de negociações, em São Paulo.

Esta é a terceira proposta apresentada pelos bancos. Na véspera, a Contraf informou que foi apresentada uma proposta de reajuste salarial de 7,5% e que a mesma foi rejeitada pela liderança do comando de greve.

### **Categoria pedia reajuste de 16%**

A greve foi iniciada no dia 6. Os bancários pedem reajuste salarial de 16%, com piso de R\$ 3.299,66, e Participação nos Lucros e Resultado (PLR) de três salários mais R\$ 7.246,82. A categoria também reivindica vales alimentação, refeição, 13ª cesta e auxílio-creche/babá de R\$ 788 cada. A categoria também pede pagamento para graduação e pós, além de melhorias nas condições de trabalho e segurança.

A proposta inicial apresentada pela Fenaban oferecia reajuste salarial de 5,5%, com piso entre R\$ 1.321,26 e R\$ 2.560,23.

### **Agências fechadas**

Na terça-feira, mais de 12 mil das 22.975 agências instaladas no país ficaram fechadas, segundo balanço da Contraf.

Os bancos não fazem levantamentos sobre o impacto da paralisação das agências, mas destacam que as instituições oferecem diversos canais alternativos para a realização de transações financeiras.

De acordo com a Febraban, os clientes poderão fazer saques, transferências e outras operações por canais alternativos de atendimento, como caixas eletrônicos, internet banking, aplicativos no celular (mobile banking), telefone, além de casas lotéricas, agências dos Correios, redes de supermercados e outros estabelecimentos credenciados.

## **Crédito bancário para empresas está mais difícil, revela CNI**

22/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

As dificuldades de acesso ao crédito bancário, por pessoas jurídicas, estão maiores do que no auge da crise financeira de 2008 e 2009, revela a Sondagem Industrial divulgada nesta quarta (21) pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Pesquisa da entidade industrial, feita na primeira metade de outubro com 2.468 empresas, revela que o indicador de facilidade de acesso ao crédito caiu pelo sétimo mês consecutivo e está em 29,9 pontos, em uma escala de zero a 100. Quanto menor o índice, maior a dificuldade.

A sondagem da CNI revela também que os empresários estavam insatisfeitos com o lucro e a situação financeira no terceiro trimestre (julho a setembro). O indicador de margem de lucro operacional ficou em 32,7 pontos, e o de satisfação financeira em 38,9 pontos.

### **Expectativas**

De acordo com os dados, os preços das matérias-primas também subiram no trimestre passado. Apesar disso e das incertezas econômicas, a CNI aponta sinais positivos no horizonte, como a redução do excesso de estoques, que caiu de 53 para 51,6 pontos.

Análise técnica da pesquisa ressalta que quanto mais próximo da linha divisória de 50 pontos, mais ajustados os estoques. De acordo com o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, o início de um processo de ajuste dos estoques é muito positivo, porque, se consolidado, abre caminho para o aumento futuro da produção.

Outro ponto positivo é o aumento do otimismo dos empresários em relação às vendas externas. O índice de expectativas nos próximos seis meses passou de 50,2 pontos, em setembro, para 52,5 pontos. A disposição de investimento também melhorou um pouco, com elevação de 39,2 para 40,7 pontos, depois de nove quedas sucessivas.

### **Câmbio**

Mas nem todas as perspectivas são positivas. A forte oscilação do dólar no ano fez com que a taxa de câmbio subisse do oitavo para o quarto lugar no ranking das principais preocupações do empresariado.

Avaliação da CNI diz que a volatilidade do câmbio dificulta qualquer análise das empresas para planejamento de exportação, formação de preços e investimento necessário para o esforço exportador.

A maior preocupação do setor continua a ser, porém, a elevada carga tributária, de acordo com 44,9% das respostas, seguida pela demanda interna insuficiente (42,2%) e o alto custo da energia (29,4%).

## **Curitiba é a "capital da inflação" nos últimos 12 meses**

22/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Os moradores de cinco capitais brasileiras perceberam um avanço superior a 10% no custo de vida nos últimos 12 meses, segundo a prévia de outubro da inflação oficial brasileira divulgada nesta quarta-feira (21).

Dos 11 locais acompanhados pelo IBGE, a inflação sobe acima de dois dígitos em Curitiba (11,12%), Goiânia (10,84%), Porto Alegre (10,48%), São Paulo (10,18%) e Rio de Janeiro (10,12%).

Curitiba é a capital da inflação por causa do reajuste de 50% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). O imposto maior passou a ser cobrado pelo governo do Paraná em abril.

Em comum, o custo de vida nas capitais subiu acompanhando o reajuste de preços administrados pelo governo, como de energia elétrica, gasolina, gás de botijão e mesmo jogos de azar.

Pelas contas do banco Fator, os preços administrados acumulam um aumento de 16,91% nos últimos 12 meses até a prévia de outubro, bem acima dos 9,77% acumulados pelo IPCA-15 no mesmo período.

### **Outras capitais**

Mesmo abaixo de 10%, a inflação é alta em outras capitais como Fortaleza (9,77%), Recife (9,01%), Belém (8,79%), Brasília (8,65%), Belo Horizonte (8,38%) e Salvador (8,36%), segundo dados do IBGE.

Apesar de ter uma das menores inflações nos últimos 12 meses, Brasília teve o maior avanço de preços na passagem de setembro para outubro, com uma alta de 1,28%, sob impacto dos ônibus urbanos.

O IPCA-15 segue a mesma metodologia do IPCA, que mede a inflação oficial do país. O índice mede a inflação com base no orçamento de famílias com rendimento de um a 40 salários mínimos.

## **Inadimplência das empresas tem alta anual de 7,3% no 3º trimestre, diz Boa Vista**

22/10/2015 – Fonte: R7

A inadimplência das empresas subiu 7,3% no terceiro trimestre de 2015, ante igual período do ano passado, de acordo com pesquisa da Boa Vista SCPC. Em relação aos três meses imediatamente anteriores, o avanço foi de 2,5%, na série com ajuste sazonal.

Na variação acumulada de quatro trimestres até setembro, a alta é de 8,1% contra os quatro trimestres antecedentes. Na comparação com o acumulado até junho, houve desaceleração de 0,2 ponto porcentual.

Segundo análise dos economistas da Boa Vista, apesar da desaceleração na análise de longo prazo, a inadimplência das empresas permanece em patamar elevado. Isso ocorre por causa de um cenário de forte incerteza econômica e retração da atividade, além da desaceleração do crédito e dos níveis elevados de inflação e juros.

"Dada a atual conjuntura macroeconômica, espera-se que em 2015 o fluxo de empresas inadimplentes mantenha esta tendência de alta e encerre o ano próximo ao presente nível, em 8%", diz a empresa em relatório.

## **Confiança da indústria tem menor nível desde início da série, em 2005, diz Firjan**

22/10/2015 – Fonte: R7

Os empresários da indústria fluminense nunca estiveram tão pessimistas, segundo a sondagem realizada pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). O índice de confiança (ICEI-RJ) chegou a 34,0 pontos em outubro, o mais baixo desde o início da série, em 2005.

"A expectativa é de que haja redução da demanda e do número de empregados nas indústrias do Rio", afirma a entidade em nota.

Em setembro, o ICEI-RJ estava em 34,7 pontos. O indicador está há 19 meses abaixo de 50 pontos, resultado que indica pessimismo dos empresários.

"Chama a atenção não só a tendência de queda do indicador, mas sua renovação de mínimas históricas nos últimos quatro meses. A falta de confiança dos empresários industriais fluminenses está em linha com o sentimento dos empresários de todo o País", analisa a Firjan.

O indicador de condições atuais atingiu 26,2 pontos e foi pressionado pela piora no sentimento do empresário em relação ao desempenho da companhia. As avaliações sobre o desempenho da economia e sobre as condições do Estado do Rio também se deterioraram.

Para os próximos seis meses, os empresários esperam redução na demanda por produtos industriais (o quesito está em 41,0 pontos) e, conseqüentemente, devem cortar ainda mais o número de funcionários (38,1 pontos).

O setor externo, considerado uma válvula de escape e um possível caminho para a retomada na atividade, não desperta esperanças na indústria fluminense, já que a expectativa em relação às exportações também é negativa (48,3 pontos).

## **Caminhões e mercado chinês impulsionam lucro da GM no 3º tri**

22/10/2015 – Fonte: R7

A General Motors teve lucro antes de impostos recorde no terceiro trimestre, com a forte demanda por caminhões na América do Norte e melhoras das margens de lucro na China ofuscando a queda das receitas.

A GM publicou lucro de 1,50 dólar por ação no trimestre, alta de 55 por cento na comparação com um ano atrás e bem acima dos 1,18 dólar por ação da média de expectativa de analistas de Wall Street consultados pela Thomson Reuters I/B/E/S.

O robusto trimestre da GM contrastou com os resultados decepcionantes de outras grandes empresas norte-americanas, que enfrentam desaceleração do crescimento na China e a queda das receitas devido à valorização do dólar.

Para a GM, um importante motivo para o sucesso foi a América do Norte, onde a gasolina mais barata impulsionou a crescente demanda por picapes e veículos esportivos, segmento nos quais a empresa é dominante.

A montadora gerou 72 por cento de suas receitas trimestrais na América do Norte, onde as margens atingiram um recorde de 11,8 por cento.

Na China, a fatia da GM no lucro da joint-venture no trimestre caiu para 463 milhões de dólares ante 484 milhões de dólares um ano atrás, mas as margens de lucro subiram para 9,8 por cento ante 9,6 por cento, refletindo vendas dos veículos de luxo e esportivos, mais caros.

No entanto, as receitas da GM no trimestre caíram 1,3 por cento, para 38,8 bilhões de dólares, principalmente devido ao impacto do dólar valorizado. A GM disse que as receitas teriam sido 2,3 bilhões de dólares mais altas se o câmbio tivesse permanecido constante.

No trimestre, a GM teve 1,5 bilhão de dólares em despesas relacionados a um acordo com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos investigando um recall por problemas de ignição em alguns de seus automóveis. Incluindo as multas, o lucro líquido totalizou 1,36 bilhão de dólares, ou 0,84 dólar por ação, versus 1,47 bilhão de dólares, ou 0,81 dólar por ação.

## **Ferrari estreia na bolsa de Nova York**

22/10/2015 – Fonte: R7



A Ferrari, controlada pelo grupo Fiat Chrysler Automobiles (FCA), estreou nesta quarta-feira na Bolsa de Nova York (NYSE) com um preço de saída de US\$ 52 por ação, e nos primeiros minutos de negociações o valor subiu 15%, para US\$ 60.

A Ferrari está oferecendo mais de 17 milhões de ações e pretende arrecadar quase US\$ 900 milhões.



Acompanhado de outros diretores da companhia, o presidente da FCA, Sergio Marchionne, e o presidente do conselho, John Elkann, tocaram o sino que marca diariamente a abertura do pregão.

Marchionne disse que o mundo é grande e que existem enormes oportunidades para a Ferrari. Em entrevista à imprensa norte-americana, ele declarou que é preciso crescer diante da demanda e que a concorrência não está à altura da marca.

A operação da Ferrari faz parte do seu processo de dissociação da FCA. Com os recursos levantados, a FCA pretende financiar seu plano industrial. Após a oferta, o grupo ainda terá aproximadamente 80% da montadora, mas, no início de 2016, ela será separada e passará para o controle da Exor, que terá 24% do capital da empresa. Piero Ferrari, filho do fundador da companhia, Enzo Ferrari, manterá sua fatia de 10%.

As ações da montadora são identificadas como "RACE" (corrida), já que "RED" (vermelho) não estava disponível.

### **Vale tem prejuízo de R\$ 6,7 bilhões no 3º trimestre**

22/10/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo



A mineradora Vale registrou prejuízo líquido de R\$ 6,663 bilhões no terceiro trimestre, ante um lucro líquido de R\$ 5,144 bilhões no segundo trimestre, citando efeitos imediatos nos resultados financeiros de uma depreciação de 28% do real ante o dólar, segundo informações divulgadas pela companhia nesta quinta-feira.

No terceiro trimestre de 2014, a empresa havia registrado prejuízo de R\$ 3,381 bilhões.

Em dólares, o prejuízo da mineradora no último trimestre foi de US\$ 2,117 bilhões, em linha com uma pesquisa da Reuters com sete analistas, que projetou um prejuízo de em média US\$ 2,28 bilhões.

A receita líquida da empresa ficou em R\$ 6,504 bilhões no trimestre, uma queda de 28,2% na comparação com igual período do ano anterior.

A mineradora conseguiu bater no trimestre o seu recorde de produção de minério de ferro, seu principal produto, atingindo 88,2 milhões de toneladas.

Apesar da desaceleração na economia daquele país, a China continua firme como o principal mercado da mineradora, inclusive ampliando sua participação nas vendas totais, saltando de 30,3% para 38,6% da receitas brutas na comparação entre os terceiros trimestres de 2014 e 2015. Com isso, a Ásia agora responde por mais da metade das receitas da Vale.



## **Juro baixo do BNDES força o BC a manter taxa básica tão alta**

22/10/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

A taxa Selic, uma das taxas básicas de juros no Brasil, é muito maior que a vigente na grande maioria dos países. Isso afeta negativamente a economia brasileira.

Esquece-se, porém, que temos uma outra taxa básica muito baixa: a TJLP, que baliza os empréstimos às empresas agraciadas com o crédito subsidiado do BNDES.

Se o governo não emprestasse, por meio do BNDES, a taxas muito inferiores à que ele próprio paga em sua dívida, teríamos uma taxa Selic menor sem que isso prejudicasse o controle da inflação.

### **Vou explicar**

Quando a taxa Selic sobe, investir em títulos públicos se torna mais atraente, e quem toma empréstimos precisa pagar juros mais altos. Assim, a decisão sobre a taxa básica afeta o custo do crédito em toda a economia.

O BC mexe no custo do crédito para influenciar as decisões de consumo e investimento. Se o crédito fica mais caro, há menos incentivos para investir e comprar a prazo.

Se as pessoas e empresas querem comprar menos, os fornecedores precisam baixar os preços. Além disso, vão acabar vendendo menos, o que leva a menor produção.

Ou seja, juros mais elevados ajudam a segurar a inflação, mas prejudicam o desempenho da economia. Então, a pergunta importante é: por que os juros têm que ser tão altos no Brasil para que a inflação não aumente?

O BNDES é parte da resposta. Nos últimos dez anos, financiou com juros baixos diversos investimentos; há poucos anos, financiava caminhões a taxa de 3% ao ano (muito menos que a inflação).

A expansão de crédito pelo BNDES tem efeitos sobre o investimento e sobre a inflação, como qualquer outro aumento de crédito. Se o BNDES expande o crédito, o BC precisa induzir uma contração no crédito (subir os juros) para que a inflação fique no patamar desejado.

Neste ano o BNDES está emprestando menos, é verdade, mas continua emprestando muito, e o estoque de crédito supera 20% do estoque de crédito no Brasil. O BNDES custa muito aos cofres públicos porque empresta a taxas de juros abaixo da Selic.

Mas o problema não para por aí. O BNDES também causa um aumento na taxa de juros paga na dívida pública – e na paga por todos os que não têm crédito subsidiado.

## **Amarok vendida no Brasil tem resultado de emissões alterado, diz VW**

22/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A Volkswagen confirmou nesta quarta-feira, 21, que unidades da Amarok vendidas no Brasil estão equipadas com o software que fraudava testes de emissão de NOx (óxidos de nitrogênio) no motor 2.0 EA189, movido a diesel.

Segundo a empresa, o equipamento que otimiza artificialmente os números medidos em laboratórios para se adequar à lei está em modelos “2011 e parcialmente 2012”, totalizando 17.057 unidades.

A marca estima que mais de 11 milhões de carros foram afetados em todo o mundo.

Os veículos envolvidos têm chassis de BA000257 até BA000338 e B8000200 até B8082605 (fabricados em 2011) e de CA001950 até CA026145 (fabricados em 2012).

Ainda de acordo com a empresa, "tecnicamente, a aplicação desse software não afeta a segurança nem a funcionalidade do veículo".

Em comunicado oficial, a Volkswagen afirma que uma atualização desse programa para corrigir o distúrbio está em desenvolvimento na Alemanha, e que a partir do primeiro trimestre de 2016 convocará os proprietários das unidades envolvidas para solucionar o problema.

## **Dólar tem 4.<sup>a</sup> alta seguida e fecha perto de R\$ 3,95**

22/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



O dólar operou em alta durante toda a sessão desta quarta-feira, 21, influenciado pelo exterior e também pela discussão em torno da meta fiscal.

No fechamento da sessão regular, o dólar terminou a R\$ 3,9450, em alta de 1%, o maior nível desde 1.º de outubro. Foi a quarta alta seguida, período em que acumulou 3,82%.

Na mínima do dia, a moeda marcou R\$ 3,9180 e, na máxima, R\$ 3,9640. No mês, acumula baixa de 0,73% e, no ano, alta de 48,59%. No mercado futuro, a moeda para novembro operava em alta de 0,84%, a R\$ 3,9555.

### **Meta fiscal**

A discussão em torno da meta fiscal permeou os negócios nesta sessão. A junta orçamentária se reuniu nesta tarde para decidir qual será a nova meta deste ano, já que as receitas previstas não serão atingidas.

Além disso, o governo tem a incumbência imposta pelo Tribunal de Contas da União (TCU) de zerar a conta das pedaladas, algo em torno de R\$ 40 bilhões.

Com tudo isso, os cálculos que circulam no mercado são de que o déficit fiscal poderia atingir algo em torno de R\$ 70 bilhões neste ano.

A leitura no mercado cambial é de que se o governo rever a meta fiscal deste ano e projetar forte déficit crescem os riscos de perda do *investment grade* pelo Brasil.

### **CPMF**

A eventual mudança de meta para 2016 também é tema delicado no mercado. O governo pretende manter a previsão de superávit de 0,7% do PIB, número que contabiliza a CPMF.

Na tarde desta quarta, no entanto, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, já avisou que o Brasil não vai ter "Natal com CPMF".

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, quer parcelar a fatura das pedaladas. O temor é de que o pagamento à vista antecipe o *downgrade* brasileiro, em que o país perderia o *investment grade* por uma segunda agência de rating.

Mas os auditores do TCU e alguns ministros da Corte dizem ser impossível o parcelamento e a decisão final pode ser a de que a conta terá que ser paga de uma única vez.

Governo e TCU, agora, negociam o que deverá ser feito. E tudo deve ser definido até sexta-feira, que é quando o governo espera ter definida a nova meta.

### **Cenário externo**

No exterior, dados mostrando a desaceleração das exportações do Japão voltaram a colocar no foco as preocupações com a China, um dos principais importadores de produtos japoneses.

Isso penalizou as moedas de países emergentes e exportadores de commodities desde cedo, incluindo o real.

Os dados do fluxo cambial não chegaram a influenciar as cotações. Segundo o Banco Central, o fluxo cambial em outubro até o dia 16 ficou negativo em US\$ 1,356 bilhão.

Apenas na semana de 13 a 16 de outubro, o resultado foi positivo em US\$ 263 milhões.

## **Dilma sanciona lei que aumenta limite de desconto do crédito consignado**

22/10/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O limite do crédito consignado - descontado mensalmente da folha de pagamento do trabalhador, aposentado ou pensionista - foi ampliado de 30% da renda para 35%. A mudança já estava valendo por meio de uma medida provisória. Nesta quinta-feira (23), o novo limite virou lei, porque foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff e publicado no "Diário Oficial da União".

De acordo com o texto, esse percentual a mais, de 5%, só poderá ser usado para bancar as despesas com cartão de crédito. Ou seja, além de o trabalhador poder pedir um crédito ao banco equivalente até 30% do que ganha por mês, como antes, ele também poderá comprometer mais 5% do seu salário para pagar suas dívidas com cartão de crédito, que tem taxas de juros muito mais altas.

Uma pessoa que recebe R\$ 2.000 por mês antes podia comprometer com empréstimo em folha até R\$ 600 (30%). Com a nova regra, esse valor sobe para R\$ 700 (35%), e desse total, R\$ 100 só podem ser usados para pagar as dívidas do cartão de crédito.

A regra também vale para aposentados e pensionistas. Atualmente, segundo o Ministério da Previdência, 3,9% deles têm contratos de empréstimos consignados - 1,013 milhão de contratos só para quem recebe do INSS.

No final de maio, a presidente Dilma Rousseff havia vetado o aumento do limite de crédito consignado de 30% para 40% da renda do trabalhador. Na ocasião, a presidente argumentou que "sem a introdução de contrapartidas que ampliassem a proteção ao tomador do empréstimo, a medida proposta poderia acarretar um comprometimento da renda das famílias para além do desejável e de maneira incompatível com os princípios da atividade econômica".

Quase metade da renda das famílias brasileiras está comprometida com dívidas, segundo dados divulgados recentemente pelo Banco Central. O endividamento das famílias chegou

a 46,3% em abril, o maior percentual desde o início da pesquisa, em 2005. A conta considera o total das dívidas das famílias em relação à renda acumulada nos últimos 12 meses.

Economistas e especialistas em finanças pessoais costumam criticar a ampliação do limite de endividamento dos trabalhadores. Dizem que isso cria a ilusão de que as pessoas terão mais dinheiro, em um momento em que a economia está praticamente estagnada e há ameaça de aumento do desemprego. Eles alertam para o risco de crescimento das dívidas das famílias.

## **INSS**

No ano passado, o Ministério da Previdência decidiu ampliar o prazo máximo de pagamento de empréstimo consignado para os aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). O número limite de prestações mensais para pagamento de empréstimo pessoal e cartão de crédito subiu de 60, equivalente a cinco anos, para 72, ou seis anos.

## **Após rebaixar Brasil e empresas, Fitch corta notas de bancos**

22/10/2015 – Fonte: G1

A agência Fitch rebaixou as notas de probabilidade de inadimplência de longo prazo (IDRs, em inglês) de oito bancos brasileiros (BdB, BV, Bradesco, IUH, Itaú Unibanco, IBBA, Santander Brasil e Safra) para "BBB-", e a perspectiva foi colocada de "estável para "negativa", indicando outros possíveis cortes. A ação foi reflexo do rebaixamento da nota do Brasil na semana passada.

Bradesco, IUH, Itaú Unibanco e IBBA permanecem com notas um grau acima do rating soberano do Brasil, "refletindo seu perfil de crédito muito forte", segundo a Fitch.

Os Ratings de Viabilidade (RV) de seis instituições financeiras (Bradesco, IUH, Itaú Unibanco, IBBA, Santander Brasil e Safra) também foram rebaixados para 'bbb', de 'bbb+', enquanto cinco tiveram essas notas afirmadas (BdB, BV, Daycoval, ABC Brasil e Pan).

Os IDRs de longo prazo em moedas estrangeira e local e os ratings das dívidas seniores também foram rebaixados para 'BBB', de 'BBB+' (BBB mais). Os IDRs de Longo Prazo destes bancos continuam com perspectiva negativa.

Outras nove instituições (BTG, BTGH, BTGI, Pan, BFRE, BM, BS, ABC Brasil e Daycoval) tiveram as perspectivas de seus IDRs de longo prazo revisadas para "negativa".

Na opinião da Fitch, os bancos brasileiros estão enfrentando fortes contratempos em função da deterioração do ambiente operacional, "apesar dos importantes colchões de reserva em termos de capacidade de geração de resultados, da saudável cobertura de provisões para perdas de crédito, do capital satisfatório, liquidez confortável e melhor perfil de captação".

A agência também cortou os rating de diversas companhias brasileiras na semana passada após o rebaixamento da nota do Brasil de "BBB" para "BBB-", mas ainda dentro do grau de investimento, espécie de selo de bom pagador.

Apesar da revisão, a maioria das empresas com nota reavaliada seguiu com rating superior ao do Brasil e com selo de bom pagador de dívida. A Petrobras foi mantida em "BBB-", na mesma classificação do país.

## Classificações das agências de risco

Fitch Ratings	Moody's	Standard & Poor's	Significado na escala
AAA	Aaa	AAA	Grau de investimento com qualidade alta e baixo risco
AA+	Aa1	AA+	
AA	Aa2	AA	
AA-	Aa3	AA-	
A+	A1	A+	
A	A2	A	Grau de investimento, qualidade média
A-	A3	A-	
BBB+	Baa1	BBB+	
BBB	Baa2	BBB	
BBB-	Baa3	BBB-	
BB+	Ba1	BB+	Categoria de especulação, baixa classificação
BB	Ba2	BB	
BB-	Ba3	BB-	
B+	B1	B+	
B	B2	B	
B-	B3	B-	Risco alto de inadimplência e baixo interesse
CCC	Caa1	CCC+	
CC	Caa2	CCC	
C	Caa3	CCC-	
RD	Ca	CC	
D	C	C	

Fonte: Fitch Ratings; Standard & Poor's; Moody's

GI.com.br

Infográfico atualizado em 15/10/2015

## Ford: resiliência de estoques mostra que corte de produção foi insuficiente

22/10/2015 – Fonte: Época Negócios



O vice-presidente da Ford na América do Sul, Rogério Golfarb, disse nesta quarta-feira (21) que não há sinais de um processo de estabilização da retração do setor automotivo. "As vendas e a produção caíram, mas os estoques continuam resilientes, o que significa que o setor continua produzindo mais do que deveria", disse, durante o congresso AutoData, em São Paulo.

Segundo ele, a resiliência dos estoques mostra que os cortes de produção realizados até agora não foram suficientes. "Temos espaço para cortar mais, apesar do PPE (Programa de Proteção ao Emprego) e apesar do lay-off", afirmou.

Em setembro, a produção de veículos caiu 42,1% em relação a igual mês do ano passado. Em relação à Ford, Golfarb disse que os estoques da montadora estão em nível inferior à média do mercado.

"Mas isso não significa que não temos de fazer ajuste", ponderou. Ele declarou ainda que o segmento vive um problema de caixa, não de lucro. "O lucro é coisa do passado, agora o problema é falta de caixa para arcar com compromissos. Em um momento como este, fica mais agudo o dilema de subir ou não subir preço", disse.

### Investimentos da GM

A GM, embora esteja esperando uma nova retração do setor automotivo em 2016, mantém sua expectativa de investir R\$ 13 bilhões no Brasil até 2019, afirmou o presidente da montadora na América do Sul, Carlos Zarlenga, no mesmo evento. "Nossas decisões de investimento são de longo prazo e, portanto, não têm relação com o ambiente econômico.

A indústria tem ciclos e neste momento não estamos mudando nossa perspectiva de investimentos", disse o executivo.

O plano de R\$ 13 bilhões foi anunciado em julho, o dobro do que a montadora havia projetado inicialmente. "O que podemos fazer é analisar quais produtos são mais atrativos, em quais segmentos seremos agressivos. No geral, vamos continuar acompanhando o mercado", afirmou.

Para 2016, a GM espera que o setor automotivo como um todo registre uma queda de 20% nas vendas em relação a 2015, para algo em torno de 2 milhões de unidades. Na sua avaliação, 2016 representa um final de um ciclo de retração do setor iniciado há dois anos. "A partir de então poderemos ver algum crescimento", disse Zarlenga.

Para ele, o Brasil tem sido a principal preocupação da montadora na América do Sul, uma vez que os demais países da região apresentam crescimento.

### **CEO da VW diz que conta do escândalo pode aumentar**

22/10/2015 – Fonte: Época Negócios



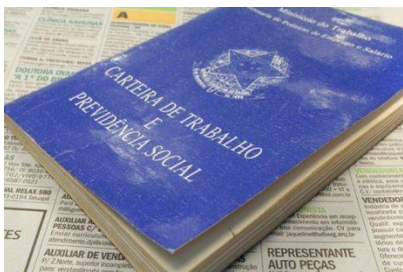
A Volkswagen pode ter que deixar de lado mais do que os 6,5 bilhões de euros que até agora já alocou para cobrir os custos com o escândalo de emissão de poluentes se as vendas forem afetadas, disse o presidente-executivo nesta quarta-feira (21/10).

"Os 6,5 bilhões de euros se aplicam para o recall", disse Matthias Mueller a repórteres após um tour na sede da VW na cidade alemã de Wolfsburg. "Só posso especular sobre qualquer provisão adicional. Se houver uma mudança nos volumes de vendas, nós devemos agir rapidamente."

O premiê da Baixa Saxônia, Stefan Weil, membro do conselho de supervisão da VW, disse que as vendas estão estáveis em outubro até o momento. A Volkswagen também confirmou que interrompeu as vendas dentro da União Europeia de novos carros contendo o software que pode fraudar os testes de emissões de poluentes.

### **Desemprego fica estável em setembro, mas rendimento real cai novamente**

22/10/2015 – Fonte: R7



O desemprego em seis regiões metropolitanas do País ficou estável (7,6%) em setembro em relação a agosto. As regiões pesquisadas somam 1,9 milhão de pessoas desocupadas. Já na comparação como mesmo mês do ano passado, a taxa subiu 2,7 pontos percentuais (passou de 4,9% para 7,6%), representando mais 670 mil pessoas em busca de trabalho.

A expectativa em pesquisa da Reuters era de que a taxa subisse a 7,8% segundo a mediana das projeções, que variaram de 7,5% a 8,1%. Os dados divulgados pelo IBGE



(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nesta quinta-feira (22), mostram ainda que o rendimento real do trabalhador continua a cair.

O rendimento médio real habitual dos trabalhadores foi estimado em R\$ 2.179,80, ficando 0,8% menor que o verificado em agosto (R\$ 2.196,54) e 4,3% abaixo do apurado em setembro de 2014 (R\$ 2.278,58).

A população ocupada foi estimada em 22,7 milhões para o conjunto das seis regiões, refletindo estabilidade na análise mensal e retração de 1,8% (menos 420 mil pessoas) na comparação com setembro de 2014.

O número de trabalhadores com carteira de trabalho assinada no setor privado (11,3 milhões) não variou na comparação mensal e, frente a setembro do ano passado, caiu 3,5% (menos 409 mil pessoas).

A massa de rendimento médio real habitual dos ocupados foi estimada em R\$ 50,1 bilhões em setembro de 2015 e ficou 0,6% menor que a estimada em agosto. Na comparação anual esta estimativa recuou 6,1%.

A massa de rendimento real efetivo dos ocupados (R\$ 50,3 bilhões), estimada em agosto de 2015, caiu 0,5% frente a julho e recuou 6,3% na comparação com agosto de 2014.

A Pesquisa Mensal de Emprego é realizada nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A publicação completa da pesquisa pode ser acessada aqui.

## **Regiões**

Regionalmente, a análise mensal mostrou que a taxa de desocupação, frente a agosto, apresentou variação estatisticamente significativa no Rio de Janeiro (aumentou de 5,1% para 6,3%) e em São Paulo (caiu de 8,1% para 7,3%).

Nas demais regiões, ficou estável. Contudo, na comparação com setembro de 2014, houve variações significativas em todas as regiões: em Recife, a taxa passou de 6,7% para 10,4 (+3,7 pp); no Rio de Janeiro, de 3,4% para 6,3% (+2,9 pp); em São Paulo de 4,5% para 7,3% (+2,8 pp); em Salvador, de 10,3% para 13,0% (+2,7 pp); em Belo Horizonte, de 3,8% para 5,9%; (+2,1 pp); e em Porto Alegre, de 4,9% para 6,3% (+1,4 pp).

O contingente de desocupados, em setembro de 2015, foi estimado em 1,9 milhão de pessoas no total das seis regiões investigadas, não registrando variação frente a agosto. Na comparação com setembro de 2014, ocorreu acréscimo de 56,6% (representando mais 670 mil pessoas em busca de trabalho).

Na análise regional, o contingente de desocupados em relação a agosto aumentou 25,7% no Rio de Janeiro, caiu 10,4% em São Paulo e ficou estável nas demais regiões pesquisadas. No confronto com setembro do ano passado, a desocupação aumentou em todas as regiões, sendo o maior aumento no Rio de Janeiro (86,5%) e o menor em Salvador (25,1%).

A população ocupada em setembro de 2015 foi estimada em 22,7 milhões para o conjunto das seis regiões, refletindo um quadro de estabilidade na análise mensal. Quando comparada com setembro de 2014, essa população registrou declínio de 1,8% (menos 420 mil pessoas).

Regionalmente, a análise mensal mostrou que não houve variação significativa em nenhuma das regiões pesquisadas, exceto em Belo Horizonte, onde apresentou queda de 1,6% (menos 40 mil pessoas).

Quando se comparou com setembro de 2014, houve redução no número de ocupados em Salvador (73 mil pessoas, 3,8%), em São Paulo (239 mil pessoas, 2,5%) e em Belo Horizonte (53 mil pessoas, 2,1%). Nas demais regiões o quadro foi de estabilidade.

Na análise do contingente de ocupados por grupamentos de atividade, de agosto para setembro de 2015, foi observada estabilidade em todos os grupamentos. Frente a setembro de 2014, os grupamentos da Indústria (-4,3%) e dos Serviços prestados à empresas (-3,8%) apresentaram queda em seus contingentes.

### **Carteira assinada**

O número de trabalhadores com carteira de trabalho assinada no setor privado, em setembro de 2015, foi estimado em 11,3 milhões no conjunto das seis regiões metropolitanas analisadas. Na comparação mensal, este resultado não variou.

Frente a setembro do ano passado, houve redução de 409 mil pessoas com carteira assinada (-3,5%). Regionalmente, na comparação mensal, ocorreu estabilidade em todas as regiões. Frente a setembro do ano passado, Belo Horizonte (-5,6%) e São Paulo (-3,5%) apresentaram queda.

O nível da ocupação (proporção de pessoas ocupadas em relação às pessoas em idade ativa) foi estimado, em setembro de 2015, em 51,7% para o total das seis regiões, não variando significativamente frente a agosto.

No confronto com setembro do ano passado, foi observada redução de 1,5 ponto percentual. Regionalmente, na comparação mensal, foi registrada queda em Belo Horizonte (0,9 ponto percentual) e estabilidade nas demais regiões.

Frente a setembro do ano anterior, houve retração em quatro regiões: Salvador (-3,1 pp); Belo Horizonte (2,1 pp); São Paulo (-1,7 pp) e Porto Alegre (-1,3 pp). Em Recife e no Rio de Janeiro, o nível da ocupação não registrou variação estatisticamente significativa.

### **Na comparação mensal, rendimento real cai 0,8% em setembro**

O rendimento médio real habitual dos trabalhadores foi estimado em setembro de 2015, para o conjunto das seis regiões pesquisadas, em R\$ 2.179,80. Este resultado ficou 0,8% menor que o verificado em agosto (R\$ 2.196,54) e 4,3% abaixo do apurado em setembro de 2014 (R\$ 2.278,58).

Regionalmente, em relação a agosto, o rendimento subiu em Belo Horizonte (5,7%), Recife (1,9%) e São Paulo (0,8%); e caiu no Rio de Janeiro (-5,1%), Salvador (-3,2%) e Porto Alegre (-1,7%). Frente a setembro de 2014, o rendimento diminuiu em cinco regiões: Porto Alegre (-7,7%); Recife (-7,1%); Rio de Janeiro (-5,5%); São Paulo (-4,4%); Salvador (-1,3%). Em Belo Horizonte, o rendimento ficou estável.

Já na classificação por categorias de posição na ocupação, houve queda no rendimento médio real habitualmente recebido, na comparação com agosto de 2015, entre os empregados com carteira no setor privado (-0,5%) e conta própria (-1,6%).

Em relação a setembro de 2014, houve redução para todas as categorias, sendo a mais intensa entre os empregados sem carteira no setor privado (-6,3%).

## Governo vai propor idade mínima para aposentadoria

22/10/2015 – Fonte: R7



O governo indicou que vai propor a idade mínima para aposentadoria em 60 anos e 65 anos, respectivamente, para mulheres e homens, segundo apurou o jornal O Estado de S. Paulo com fontes que participam dos estudos da reforma da Previdência. O Brasil é um dos poucos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que não estipula uma idade mínima.

Numa lista de 35 nações, o País tem o piso da idade em que as pessoas se aposentam: 57,5 anos. A média é considerada muito baixa para honrar os pagamentos dos benefícios no futuro. Os outros países da OCDE têm média de 64,2 anos. O governo defende que a experiência internacional aponta idade mínima próxima de 65 anos.

Preocupado em mostrar que não está de braços cruzados com o aumento do rombo das contas públicas, a equipe econômica resolveu acelerar as mudanças com o objetivo de conter os gastos e resolveu que não vai esperar o debate das centrais sindicais e dos movimentos sociais no fórum criado com esse objetivo. Apenas apresentará a proposta formalmente ao Congresso.

A estratégia do governo é mostrar que não está preocupado apenas com o ajuste fiscal deste e do próximo ano, mas também com medidas estruturais de longo prazo. Por isso, membros da equipe econômica consideram que não é possível esperar o consenso do fórum, composto por representantes dos empregadores, dos trabalhadores e dos aposentados e pensionistas.

A meta é apresentar as mudanças em novembro, embora haja resistência da ala do governo ligada aos movimentos sociais. Em reunião nesta quarta-feira, 21, os ministros do Planejamento, Nelson Barbosa, e do Trabalho e da Previdência Social, Miguel Rossetto, estabeleceram um plano de trabalho para fechar a proposta da reforma.

Qualquer mudança deve ter impacto somente no futuro, ou seja, não deve atingir as pessoas que já trabalham e contribuem para o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Os efeitos devem ser graduais, mas crescentes, sobre o resultado da Previdência e o resto da economia.

De acordo com os dados do governo, a concessão das aposentadorias para os trabalhadores da iniciativa privada começa, em média, aos 59,5 anos para os homens e aos 57,8 anos para as mulheres, quando somados a idade e o tempo de contribuição.

A média é ainda mais baixa para os benefícios concedidos apenas com base no tempo de contribuição. Sob esse critério, os homens se aposentam aos 55 anos e as mulheres, aos 52 anos.

## **Salto**

Pelas projeções do governo, as despesas da Previdência vão saltar de 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 para 8,3% em 2019. Já as receitas, vão recuar de 6,1% do total de riquezas produzidas no País para 5,8%.

O governo deve desembolsar neste ano R\$ 88,9 bilhões apenas com o pagamento das aposentadorias da iniciativa privada, sem contar os benefícios assistenciais. Para 2016, a estimativa é que esse valor suba para R\$ 124,9 bilhões.

O documento que faz o diagnóstico da situação do agravamento dos custos com a aposentadoria e outros benefícios previdenciários aponta quais serão os pontos que o governo deve mexer para conter o aumento desenfreado dessas despesas. Além de propor uma idade mínima, a equipe econômica deve restringir o acesso aos chamados benefícios assistenciais.

Previsto na Loas (Lei Orgânica da Assistência Social), o benefício garante o pagamento de um salário mínimo mensal às pessoas com 65 anos ou mais que não possam manter seus sustento e que, ao longo da vida, não tenham contribuído para o INSS.

De acordo com o governo, de 2002 para 2014, os desembolsos desse benefício saltaram de R\$ 6,8 bilhões para R\$ 35,1 bilhões. A quantidade de benefícios emitidos nesse período subiu de 2 milhões para 4,3 milhões. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

## **Jeep produz o primeiro Cherokee na China**

22/10/2015 – Fonte: Memoria motor



O Jeep Cherokee, o primeiro utilitário-esportivo produzido pela GAC Fiat Chrysler Automobiles (GAC FCA), saiu oficialmente da linha de montagem da fábrica de Changsha nesta segunda-feira (19).

A recém-criada GAC FCA Automobiles Sales Co., Ltd. será responsável pelas vendas do novo produto. É mais um passo na rápida expansão global da Jeep, que começou a fabricação fora dos Estados Unidos com o Jeep Renegade em 2014 na Itália e neste ano no Brasil.

“Hoje é um marco na história da nossa marca”, disse Mike Manley, CEO das marcas Jeep e Ram e diretor de Operações da região Ásia-Pacífico. “A Jeep foi a primeira fabricante ocidental de automóveis a produzir na China, mais de 30 anos atrás.

Hoje, com o apoio dos nossos parceiros do GAC, a nossa marca está de volta ao seu devido lugar neste mercado. O Jeep Cherokee é nosso best-seller no mundo e agora está sendo produzido na China para a China, dentro dos padrões mundiais de qualidade que os consumidores chineses demandam.

A produção local nos permite estar mais perto de nossos clientes melhorar nossa posição competitiva no mercado. Agradecemos à GAC por sua verdadeira parceria, estamos ansiosos para iniciar a produção de outros modelos Jeep aqui na China.”

A produção do Cherokee deverá estar em ritmo pleno em novembro e as entregas estão previstas para começar antes do final do ano. A versão com motor de 2,4 litros será a primeira, seguida pela de 2 litros. Até o final de 2016, o portfólio da marca Jeep na China será composto de três novos modelos, incluindo o Jeep Cherokee e o Jeep Renegade, ambos fabricados localmente, oferecendo aos consumidores a linha mais abrangente de SUVs.

A fábrica da GAC FCA Changsha, o berço da produção local do Jeep Cherokee, é a primeira na China a adotar as exigentes normas do sistema World Class Manufacturing (WCM). A metodologia dele se concentra na redução de resíduos, aumentando a produtividade e melhorando a qualidade e a segurança de forma sistemática e organizada.

O WCM envolve a força de trabalho para fornecer e implementar sugestões sobre como melhorar seus empregos e suas plantas, promovendo um senso de propriedade. A GAC FCA Changsha é uma das fábricas tecnologicamente mais avançadas da FCA no mundo. O investimento total para a instalação de 750 mil m<sup>2</sup> é de aproximadamente 5 bilhões de yuans (cerca de US\$ 785 milhões).

## **Volatilidade é o “novo normal” da indústria automotiva no mundo**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business

Estudo Changing Lanes 2015-2016 da Ernst Young (EY), finalizado este ano com 125 executivos do setor automotivo, aponta que a volatilidade passou a fazer parte da regra do jogo em todos os principais mercados globais da indústria.

“É o novo normal, com grandes flutuações de demanda, custos e perspectivas”, resume Randy Miller, líder global da área automotiva da consultoria, que realiza a pesquisa há três anos. Diante de tantas variáveis, diz Miller, o investimento em flexibilidade para se adaptar rapidamente às mudanças de cenários está entre as maiores preocupações dos fabricantes de veículos, bem como seus fornecedores e distribuidores.

De acordo com o estudo da EY, 63% dos executivos entrevistados esperam que a volatilidade trará impactos desfavoráveis ao negócio, ligados ao aumento de custos gerado por variações cambiais, queda de demanda, legislação e instabilidade política e econômica.

Apenas 20% avaliam que sua empresa está suficientemente preparada para lidar com essas grandes variações. “Todos têm estratégias para lidar com a volatilidade, mas ainda não estão seguros sobre a eficácia delas”, explica Miller.

Entre os grandes focos de volatilidade está a instabilidade dos mercados da zona do euro e a queda de demanda em países emergentes. “Os BRICS continuam a ser importantes para a indústria.

Existem perdas no Brasil e Rússia, que só vão se recuperar em alguns anos à frente, mas a Índia está crescendo ao ritmo esperados de 8% ao ano nos próximos quatro anos, e a China, apesar da desaceleração, ainda é um mercado muito grande”, avalia Miller.

Segundo ele, no cenário global, os Estados Unidos, que voltou ao patamar de 18 milhões de veículos/ano, e a China sustentam o crescimento do setor automotivo, que enfrenta

ventos contrários no Brasil, Japão, na Rússia e Europa. “Mas existem também boas oportunidades de expansão na África e certas partes da Ásia”, destaca.

Outra conclusão da pesquisa é que, com ou sem volatilidade, as empresas continuam a apostar na globalização de suas operações, até como forma de fazer frente às variações cambiais, por exemplo.

Nesse sentido, a pesquisa apurou que dois terços dos fornecedores ouvidos estão preparados para apoiar os esforços de localização de componentes das montadoras, mas mais da metade deles não está pronta para desenvolver cadeias locais de suprimentos em mercados emergentes.

## **CORRIDA TECNOLÓGICA**

Também segue aquecida a corrida em agregar valor aos produtos por meio de inovações tecnológicas. Para 75% dos executivos entrevistados, a demanda por conectividade, por exemplo, deve trazer impactos positivos aos negócios, como possível incentivo ao consumidor.

Desenvolver tecnologias para reduzir emissões, aumentar a eficiência e elevar os padrões de segurança dos veículos está no topo das preocupações de 74% dos pesquisados.

“Existem oportunidades importantes aqui de aumentar o valor agregado dos veículos, mais ainda em países emergentes onde tecnologias de conectividade e segurança ainda têm grande espaço para avançar”, pontua Miller.

Para o consultor, a indústria tem fontes de recursos suficientes para financiar sua inovação, e uma dessas fontes está nos fornecedores. Não por acaso, para 80% deles, a propriedade de inovações e pesquisa e desenvolvimento é um dos fatores mais importantes para ganhar vantagem competitiva nesse mercado.

Outra meta é aumentar a eficiência operacional das empresas para elevar a rentabilidade. Faz parte dessa estratégia o maior uso de tecnologia da informação para administrar melhor as compras de fornecedores, produção e vendas, bem como implementar processos de manufatura flexíveis para lidar com a volatilidade dos diversos mercados.

Para obter maiores ganhos na cadeia de suprimentos, 25% dos entrevistados citaram a busca por fornecimento em países de baixo custo, e 20% destacaram a localização de fornecedores, tanto em países desenvolvidos como emergentes, para reduzir custos logísticos e se beneficiar de subsídios regionais.

Assegurar acesso a recursos humanos, tecnológicos, de capital e legais também está no topo da agenda. Para 62% dos entrevistados, reter talentos nas empresas é uma vantagem competitiva, mas apenas 12% se sentem aptos a fazer isso.

Nesse sentido, práticas inovadoras de recursos humanos tornam-se um elemento-chave na estratégia de gestão para atrair, reter e nutrir empregados que serão essenciais para a própria continuidade do negócio. Contudo, apenas um terço das companhias ouvidas afirma adotar essas inovações no trato com os funcionários.

A maior necessidade de conectividade e o atendimento à legislação de emissões e segurança torna imperativo o acesso às tecnologias necessárias para isso.

Contudo, apenas 10% dos executivos ouvidos pela EY avaliam que estão preparados para assegurar esses recursos tecnológicos, embora 84% avaliam que a propriedade intelectual sobre eles seja uma importante vantagem competitiva.



O acesso a capital será importante para financiar os investimentos necessários em expansão para novos mercados e segmentos.

A pesquisa aponta que 34% dos entrevistados precisa de recursos para expandir a rede de distribuição, 25% para financiar fornecedores em mercados emergentes e 29% dos executivos de montadoras disseram que precisam custear investimentos em pesquisa, desenvolvimento e bens de capital.

## **BRASIL**

“O Brasil continua a ser um mercado significativo na estratégia da indústria automotiva global, mas nesse momento o problema é lidar com a ociosidade das fábricas no País, que só deve voltar a apresentar números de crescimento em mais alguns anos à frente,” avaliou Randy Miller dentro do contexto do estudo da EY.

“Todos estão revisando planos e buscando mais eficiência”, afirma Renê Martinez, sócio-líder do setor automotivo da Ernst Young no Brasil. “Existem na verdade vários mercados no País e os fabricantes estão preocupados em entender a demanda e se preparar para ela”, acrescenta.

### **Déficit em autopeças soma US\$ 4,72 bi**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business



A balança comercial do setor de autopeças registrou déficit de US\$ 4,72 bilhões no acumulado de janeiro a setembro de 2015. O valor representa uma redução do déficit de 36,3% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os dados foram divulgados pelo Sindipeças com base em informações fornecidas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Exportações e importações recuaram 6,8% e 22,8%, respectivamente, no comparativo do acumulado de janeiro até setembro de 2015 sobre igual período de 2014.

Nestes nove meses, as vendas de autopeças para 180 países somaram US\$ 5,84 bilhões e, as compras vindas de 154 nações, US\$ 10,56 bilhões.

O Japão se manteve como terceiro maior fornecedor de autopeças ao Brasil, após tomar em agosto o lugar da Alemanha. O primeiro e segundo lugares permanecem com Estados Unidos e China.

No caminho oposto, a Argentina permanece como principal destino das autopeças fabricadas no País, com queda de 6,5% em relação ao mesmo período de 2014. Essa retração, porém, vem diminuindo.

No primeiro trimestre, a queda registrada nos embarques ao país vizinho era de quase 23% no confronto com os mesmos três meses de 2014.

## **Estrangeiros visam investimentos e retornos maiores somente para 2017**

22/10/2015 – Fonte: DCI

Investir no Brasil é atrativo para empresas estrangeiras. Apesar do "momento de crise, instabilidade e desconfiança", essas companhias aproveitam época "mais barata" do País para planejar investimentos, com retornos mais fortes após 2017, segundo especialistas.

Para Vinícius Soares, advogado sênior da Lautenschlager, Romeiro e Iwamizu Advogados, até o ano que vem ainda estaremos em um cenário de recuperação, e ressalta que a flexibilização do Ministério dos Transportes para facilitar a participação de empresas estrangeiras "abrem as portas estrangeiras" para o setor de infraestrutura no Brasil.

"Eu acredito que as empresas já estão se preparando para 2017, pra começar a ter um investimento mais forte. Elas já estão vendo 2015 e 2016 como um ano complicado econômica e politicamente. Por isso, algumas empresas não conseguem um financiamento pelo BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], por exemplo.

Isso afeta a capacidade de diversas empresas, mas abre espaço estrangeiras que estão querendo investir ou aumentar participação no Brasil", ressaltou o advogado sênior ao DCI, durante evento da Câmara Espanhola, realizado ontem.

De acordo com Maria de Castro Michielin, diretora jurídica da Arteris S/A, mesmo com todas as medidas de facilitação para essas empresas, ainda existem processos burocráticos no Brasil que dificultam a vinda delas para o País.

Ela ressalta ainda, nesse sentido, essa mesma burocracia também acaba servindo como obstáculo para as próprias empresas brasileiras.

"Existem alguns entraves pro investidor vir para o Brasil. Agora estão sendo flexibilizadas essas questões de atestação técnica e patrimônio líquido, mas existe toda uma parte burocrática sobre falta de clareza dos nossos marcos regulatórios. Apesar de o Brasil estar em um momento atrativo [pela quantidade de demandas por melhorias na área], isso acaba dificultando a vinda deles", afirma a executiva.

Esses obstáculos também podem ser visto nas medidas tomadas pelo governo nos processos de concessões a partir do Programa de Investimento em Logística (PIL) 2, divulgado em junho deste ano.

Para Caio Ávila, sócio do escritório PLKC Advogados, apesar de o PIL 2 apresentar mudanças em busca de melhoras, os problemas do primeiro programa, lançado em 2012, ainda refletem em sua credibilidade.

"Em 2012 houve muito atraso, falta de definição das regras específicas do setor e um quadro de alteração da legislação. Isso gerou muita instabilidade e insegurança jurídica por um marco regulatório indefinido. Além disso, o PIL 2 também acaba recebendo críticas porque passa a imagem de que o governo procura uma agenda positiva no meio do ajuste fiscal. As prioridades do governo são outras", afirma.

Segundo o advogado, a principal solução para o País é o próprio investimento no setor.

"O que a gente vê é que o Brasil realmente precisa investir em infraestrutura. Infelizmente a gente está passando por uma fase muito difícil no País e essa situação de crise está travando diversos setores.

No entanto, eu vejo que esse setor tem um futuro aqui dentro, mas ainda temos muitas coisas a se fazer na área. Talvez não no médio prazo, mas em 10 ou 15 anos, eu vejo o País alcançar um bom resultado", avalia o especialista.

Sobre o investimento nacional no setor, de acordo com Wilson Ferreira Júnior, presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB), o Brasil investe bem menos que a maioria dos países do Brics.

"Enquanto nesses países, o investimento é de 4,5% a 8% do PIB em infraestrutura, nós investimos nos últimos anos cinco anos 2,4% do PIB, e isso porque existe o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento]. Um patamar de 5%, só direcionamos na década de 60", afirma o executivo.

### **Pequenas e Médias**

Segundo Michielin, a respeito das medidas do governo para facilitar também a participação de pequenas e médias empresas em concessões pelo PIL 2, há questões problemáticas.

"Os órgãos estão travados, o BNDES, por exemplo, está exigindo milhões de garantias. A gente acaba vendo que, na prática, vamos ter alguns problemas de financiabilidade e só os grandes grupos consigam financiar esses projetos.

Eu acho muito difícil que uma empresa de pequeno porte, vá conseguir tocar uma concessão. Elas vão ter que consultar diversos setores técnicos na área, porque apesar de interessante, é um setor realmente muito difícil", afirma.

## **No ano, 17 indústrias já fecharam as portas**

22/10/2015 – Fonte: DCI

Empresas da cadeia de autopeças já estão fechando as portas devido a crise e as demissões continuam. Apesar disso, representantes do setor projeta uma ligeira melhora do cenário para o ano que vem, apoiada no segmento de reposição e nas exportações.

De acordo com o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Paulo Butori, 13 empresas fecharam em 2014 e, até julho deste ano, pelo menos 17 fabricantes decretaram falência.

"Este foi um ano muito ruim, que precisa acabar logo", avaliou o dirigente durante o congresso da agência de notícias Autodata.

Desde 2013, último ano em que o setor de autopeças registrou crescimento, as indústrias demitiram 56 mil funcionários. Na visão de Butori, o volume maior de demitidos está entre as empresas de maior porte, que são mais capitalizadas.

Ele admite que há problemas na base da cadeia, nos níveis 2 e 3. Na última terça-feira (20), o presidente da sistemista Bosch, Besaluel Botelho, afirmou que a situação está cada vez mais difícil entre as empresas do setor.

"Diversos fabricantes ficaram no caminho. Tivemos que trocar alguns fornecedores, que não conseguiam mais nos atender", reclamou o executivo. Ele acrescenta que, diante do cenário atual, a Bosch projeta uma queda em torno de 10% para 2015. "Também não esperamos uma retomada para o ano que vem", ponderou.

Butori observa que o programa Inovar-Auto não trouxe, de fato, benefícios para a cadeia de autopeças. "Os projetos novos devem ter mais nacionalização. Mas os que já estão em curso não trouxeram aumento de conteúdo local", diz.

## **Câmbio**

Segundo o presidente do Sindipeças, a apreciação do dólar frente ao real tem favorecido uma nacionalização maior de componentes.

"Importar peças com o câmbio atual tira a competitividade das empresas", avalia.

A alta da moeda norte-americana também será o responsável pela redução do déficit da balança comercial, informa o Sindipeças.

Neste ano, a diferença negativa deve ficar em US\$ 5 bilhões. Para 2016, a projeção é de US\$ 3 bilhões de déficit do setor.

Paulo Butori salientou ainda que os acordos comerciais fechados recentemente pelo setor automotivo, com Colômbia e México, por exemplo, "parecem mais do mesmo".

O dirigente estima que, para o ano que vem, o faturamento da indústria de autopeças deva registrar um crescimento de 2% na comparação com o desempenho de 2015, para cerca de R\$ 62,9 bilhões.

"Esta projeção leva em conta a base fraca deste ano", concluiu.

## **VW avalia se software de motor a diesel mais recente também fraudou emissões**

22/10/2015 – Fonte: R7

A Volkswagen está investigando se os carros com versões antigas dos seus atuais motores a diesel podem ter usado o software que fraudou dados de testes de emissões de poluentes, o que poderia ampliar o escândalo que abalou a montadora alemã.

A maior montadora de veículos da Europa admitiu em 18 de setembro que usou um software ilegal para manipular testes de emissões em veículos a diesel nos Estados Unidos, o que provocou a maior crise em seus negócios em sua história.

A Volkswagen informou que veículos podem ter sido equipados com softwares de manipulação de dados em outros lugares, e calculou em até 11 milhões os veículos com seu motor diesel EA 189 afetados em todo o mundo.

Reguladores norte-americanos disseram que também estão investigando a "geração 3" de veículos da Volkswagen nos Estados Unidos, que contém o mais recente motor a diesel, o EA 288. Mas não ficou claro se esses motores vêm sendo examinados em outros lugares.

"Outras gerações do EA 288 estão atualmente sendo examinadas", disse a Volkswagen em comunicado enviado por email nesta quinta-feira, após a agência de notícias alemã DPA informar que o escândalo das emissões de gases pode abranger outros tipos de motores.

A Volkswagen disse que a atual geração do EA 288 não foi afetada, mas não forneceu mais detalhes em sua declaração e não estava imediatamente disponível para comentários adicionais.

## **Müller: € 6,5 bi são só para cobrir recall**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business



O CEO da Volkswagen, Matthias Müller, reconhece que os € 6,5 bilhões que a empresa reservou não bastarão para cobrir os custos da crise causada pela fraude em 11 milhões de carros vendidos globalmente com motores diesel que burlavam o controle de emissões de poluentes. Na tarde da quarta-feira, 21, a empresa confirmou inclusive que o problema chegou ao Brasil com a Amarok .

Müller rompeu o distanciamento da imprensa e conversou com jornalistas que visitavam a sede da companhia na cidade alemã de Wolfsburg. Segundo a agência Reuters, o executivo admitiu que o montante que a empresa tinha destinado ao problema até agora só cobrirá o recall dos veículos fraudados, sem incluir multas e prováveis indenizações com processos.

Só na Europa já foram convocados 8,5 milhões de carros. Analistas estimam que a crise vai gerar custos de US\$ 34 bilhões para a companhia nos próximos anos.

Contrariando qualquer expectativa, Müller garantiu que, por enquanto, as vendas do grupo não sofreram queda. Segundo ele os números de outubro mostram estabilidade.

“Se houver uma mudança no ritmo de vendas nós reagiremos rápido”, assegurou, sinalizando que a empresa trabalhará para reverter a situação. A companhia confirmou ter interrompido as vendas na União Europeia dos carros equipados com os propulsores que não respeitam a norma de emissões.

O CEO da Volkswagen preferiu não falar sobre a investigação em curso para apurar quais são os responsáveis na organização pelo chamado “dieseldgate”, considerado um dos maiores escândalos da história da indústria automotiva.

A crise já foi responsável por fazer o grupo perder cerca de 25% de valor de mercado, além de ter gerado uma série de processos e investigações contra a companhia em diversos países.

## **Ford quer demitir 500 em Camaçari**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business

A Ford alega ao Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari a necessidade de demitir 500 trabalhadores de sua fábrica na Bahia. Os cortes também atingiriam outros 192 funcionários de fornecedores de autopeças e 700 da DHL. A informação partiu do presidente do sindicato, Júlio Bonfim.

“A Ford não informou quando iniciaria os cortes nem se estariam em um turno ou mais”, afirma Bonfim. Em protesto contra a iminência das demissões, os trabalhadores da montadora realizaram paralisação de 24 horas, que terminou na manhã de quarta-feira, 21.

A unidade de Camaçari fabrica EcoSport, Ka (hatch e sedã) e motores 1.0 de três cilindros. "Recentemente, a Ford fez uma parada técnica de uma semana na linha de motores, mas alegou que se tratava de adequação da produção à demanda", diz o presidente do sindicato. Segundo o dirigente, o complexo gera 10 mil empregos diretos e a produção diária da unidade estaria em 900 carros.

Em resposta, a Ford apenas confirmou a paralisação e informa estar em negociação com o sindicato para adequar o nível de produção à demanda do mercado. A fabricante alega também que não há nenhuma medida a ser anunciada no momento.

Procurada, a DHL não havia respondido até o fechamento desta reportagem.

## **Nissan faz parceria com Scoot Networks para estudo de elétricos nos EUA**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business



A Nissan anuncia a criação de uma parceria com a Scoot Networks, empresa de serviços de mobilidade sediada em São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos, para estudar a evolução do transporte urbano de elétricos em megacidades.

A parceria inclui a entrega de dez unidades do Scoot Quad, um veículo compacto 100% de dois lugares com autonomia de 65 quilômetros e que alcança velocidade máxima de 40 km/h, indicado para condução em área urbana. No estudo, a Nissan vai avaliar o papel dos veículos elétricos como diferentes opções de transporte e o quanto ainda é necessário evoluir.

Os veículos se juntam à frota atual da Scoot formada por 400 scooters elétricas customizadas que rodam pela cidade em um programa de veículos compartilhados a partir da localização dos veículos por meio de aplicativo para smartphones oferecido tanto nas plataformas iOS quanto Android.

Os motocicletos têm autonomia de 40 quilômetros e alcançam velocidade de até 48 km/h. Os moradores da cidade usam os Scoots em diferentes atividades, tais como rápidos deslocamentos, envio de mensagens ou encomendas ou ainda para o lazer, como passeios pela própria São Francisco.

"Ao passo que as grandes cidades continuam crescendo e se tornando megacidades globais, precisamos entender como o transporte está mudando e antecipar como será o transporte no futuro", afirmou Rachel Nguyen, diretora executiva do Nissan Future Lab. "A Scoot Networks é o parceiro ideal neste projeto de pesquisa pelo fato de estarem preenchendo uma necessidade que emergiu no mercado de São Francisco, além de serem uma empresa igualmente comprometida com a mobilidade sustentável com nível zero de emissões".

"A Scoot não é apenas para scooters", diz Michael Keating, fundador e CEO da Scoot Networks. "Se é pequeno, elétrico e divertido, certamente você encontrará no aplicativo



Scout e o guiará pela cidade. Estamos orgulhosos de ser parceiros da Nissan para fazermos uma nova forma de mobilidade elétrica urbana disponível para nossos motoristas”.

O aluguel dos modelos custa US\$ 8 por meia hora ou US\$ 80 por dia. A Nissan oferece veículos elétricos para o mercado de massa há cinco anos, com o lançamento do Leaf. Desde a primeira entrega do modelo em 2010, a Nissan vendeu mais de 192 mil unidades globalmente, das quais 86 mil somente nos Estados Unidos.

Recentemente, a montadora anunciou que o novo Leaf 2016 terá autonomia expandida e superior a 170 quilômetros nos modelos SV e SL, fazendo do modelo o primeiro veículo elétrico acessível ao público a fazer mais de 160 quilômetros de autonomia em uma única carga.

### **MAN lança plano de manutenção para powertrain**

22/10/2015 – Fonte: Automotive Business



A MAN Latina America passa a oferecer mais uma opção de plano de manutenção desta vez focado no conjunto do trem de força do caminhão. O Volkstotal Powertrain inclui todos os serviços de revisão preventiva e corretiva para itens como motor, transmissão, embreagem e diferencial em veículos novos, itens que segundo a empresa representam até 70% das principais despesas de manutenção em um caminhão.

O novo pacote está disponível para caminhões novos, tanto para os modelos Volkswagen quanto para o MAN TGX. Os novos serviços fazem parte do grupo de soluções Volkstotal, que já oferece os planos Prev e Plus, responsáveis por uma carteira com mais de 10 mil clientes. Para o MAN TGX, os planos de manutenção são denominados MAN Service.

No plano Prev, mais básico, estão previstos serviços para novos e usados relacionados a mão de obra e peças, como como óleos lubrificantes, filtros de combustível, ar e óleo, além de fluidos utilizados nas revisões dos veículos durante a vigência do contrato.

Já no Plus e Powertrain, dedicados apenas aos caminhões novos, cobrem todas as manutenções preventivas e corretivas, incluindo mão de obra e peças como embreagem, lona de freio, bateria, lâmpada, correias, motor de partida entre outros.

Segundo a montadora, este nicho de serviços de pós-venda é uma tendência de mercado e se apresenta como uma solução alternativa para gerenciamento de frotas e controle de custos.

“Reconhecida no mercado com mais de doze anos de atendimento diferenciado, a família Volkstotal ganha mais um integrante, que potencializa nossa parceria com os clientes, oferecendo vantagens operacionais para seu negócio”, afirma Ricardo Alouche, vice-presidente de vendas, marketing e pós-vendas da MAN Latin America.

Em todos os planos, o frotista pode escolher em qual das 158 concessionária da rede será

atendido, a maior parte com estrutura para pernoite, como pátio, dormitório, refeitório e convênio com hotéis.

## **Uso da capacidade do setor automotivo cai para 48% em 2015, mesmo nível de 2002**

22/10/2015 – Fonte: CIMM

O nível de utilização da capacidade do setor automotivo caiu para 48% em 2015 e voltou ao mesmo nível de 2002, afirmou o presidente da Volkswagen no Brasil, David Powels. Ele fez uma apresentação sobre a atual situação do setor no congresso AutoData, em São Paulo.

"Em 1996, tínhamos (o setor automotivo) a capacidade de produzir 1,7 milhão de unidades, e o percentual de produção era de 81%. Agora, temos potencial para produzir 5,5 milhões, e a utilização da capacidade é de 48%, o mesmo patamar de 2002, quando vim para o Brasil pela primeira vez", disse o executivo.

Ele veio ao Brasil em 2002 para ocupar o cargo de vice-presidente de finanças da Volkswagen, saindo em 2007 para trabalhar na subsidiária da montadora na África do Sul. Voltou neste ano para assumir a presidência.

Segundo ele, a produção do setor de veículos deve atingir algo em torno de 2,5 milhões de unidades em 2015 no País, retração de cerca de 30% em relação ao nível de 2014. "Os custos aumentaram, perdemos competitividade e a demanda diminuiu", explicou Powels.

O executivo afirmou que nunca viu o mercado automotivo brasileiro tão instável como agora. "Precisamos trabalhar com o governo e os demais players para evitar esse tipo de volatilidade. Não podemos deixar o mercado piorar para daqui a dez anos estarmos discutindo outra tragédia", declarou.

Para Powels, o cenário não deve melhorar nos próximos anos. "Não sei quando vamos voltar a ter os níveis dos anos anteriores, não sei se será rápido, mas vamos ter de elevar a produtividade, reduzir impostos e estimular a demanda", afirmou.

O executivo evitou falar sobre o escândalo mundial envolvendo a montadora alemã, em relação à instalação de um software em seus veículos movidos a diesel que enganou agências reguladoras sobre a emissão de gases poluentes.

## **Votorantim paralisa setor de aciaria de usina no Rio de Janeiro**

22/10/2015 – Fonte: CIMM

A Votorantim Siderurgia paralisou as operações da área de aciaria de usina instalada em Barra Mansa, no Rio de Janeiro, diante da fraqueza na demanda por aços longos no país. Com a parada, a empresa suspendeu os contratos de trabalho de 140 funcionários da unidade, informou sindicato nesta terça-feira (20).

A área de aciaria é responsável pela produção de aço a partir do ferro-gusa. A unidade de Barra Mansa tem capacidade para produzir 800 mil toneladas de aços longos por ano. A siderúrgica foi fundada em 1937 e usa aço reciclado como matéria-prima.

A Votorantim Siderurgia confirmou a adoção do regime de "layoff" para os funcionários da aciaria de Barra Mansa e informou que a adoção do esquema valerá a partir de 1o de novembro.

"Esta decisão tem como objetivo principal garantir os empregos em um momento em que o setor siderúrgico segue impactado pela conjuntura atual e pelo enfraquecimento do mercado", afirmou a companhia.

A empresa acrescentou que a operação da unidade de Resende, também no Rio de Janeiro e com capacidade para 1 milhão de toneladas de aços longos por ano, "segue normalmente".

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense, a companhia tinha como objetivo inicial demitir os 140 funcionários de Barra Mansa, mas decidiu converter as demissões em layoff após negociações com a entidade.

O diretor do sindicato responsável pela região de Barra Mansa, Almir Paulino, informou que o setor de laminação da usina da Votorantim na cidade segue operando, mas abaixo da capacidade.

A produção de aços longos do país em setembro caiu 27,5 por cento sobre um ano antes, para 663 mil toneladas, acumulado queda de janeiro ao mês passado de 12,7 por cento, a 7,19 milhões de toneladas, segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABr), divulgados na véspera.

### **Ações de empresas com menor valor de mercado lideram recuperação do mercado chinês**

22/10/2015 – Fonte: Reuters

As ações chinesas se recuperaram e fecharam com alta de cerca de 1,5 por cento nesta quinta-feira, uma vez que a queda de aproximadamente 3 por cento da sessão anterior parece ter criado uma oportunidade de compra para alguns investidores que perderam a recuperação recente.

O índice CSI300, que reúne as maiores companhias listadas em Xangai e Shenzhen, subiu 1,48 por cento, para 3.524 pontos. O índice de Xangai teve alta de 1,47 por cento, para 3.369 pontos.

Investidores desanimados com os recentes dados fracos tiveram algum alívio com o presidente chinês, Xi Jinping, na quarta-feira. Ele disse durante sua visita de Estado à Grã-Bretanha que "não haverá pouso forçado" na China, cuja economia "vai manter seu ritmo forte."

A queda de quarta-feira foi resultado de realização de lucros após alta de mais de 30 por cento desde meados de setembro, mas a profundidade e duração da correção pode ser limitada, de acordo com a Boser Asset Management.

### **Gerdau vai contratar até US\$1 bilhão em linha de crédito global**

22/10/2015 – Fonte: Reuters

O Conselho de Administração da Gerdau aprovou prestar garantias junto a sociedades controladas para a contratação de linha de crédito de até 1 bilhão de dólares, segundo ata da reunião publicada nesta quarta-feira.

A linha de crédito tem o banco Santander como estruturador e até 12 bancos credores de primeira linha. O empréstimo terá vencimento de três anos podendo ser estendido por mais dois, de acordo com a ata da reunião.

A companhia não informou detalhes ou o propósito da contratação da linha de crédito chamada de "Senior Unsecured Global Working Capital Credit Agreement". O vencimento é de três anos podendo ser ampliado em até dois anos.

A Gerdau encerrou o segundo trimestre com relação de dívida líquida sobre lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de 3,1 vezes ante 2,4 vezes no mesmo período do ano passado.

No início de outubro, a agência de classificação de risco Moody's colocou a nota de crédito da Gerdau em perspectiva negativa, ante estável, mas manteve o rating Baa3 da siderúrgica.

As ações da companhia exibiam alta de 2,14 por cento às 10h32, enquanto o Ibovespa tinha valorização de 0,04 por cento.

## **Diretor financeiro da GM projeta queda de 20% nas vendas**

22/10/2015 – Fonte: DCI

O financeiro da General Motors (GM) trabalha com uma previsão de queda nas vendas brasileiras de veículos novos de 20% no próximo ano. A projeção leva em conta a estimativa de comercialização 2,5 milhões de unidades em 2015.

"Esta é a projeção mais responsável para podermos fazer o nosso planejamento estratégico", disse diretor financeiro (CFO, na sigla em inglês) da GM Brasil, Carlos Zarlenga. Para ele, o ano de 2016 deve ser o fim de um ciclo de retração. "A partir daí poderemos voltar a crescer".

A previsão é mais pessimista do que tem sido divulgada pela própria GM, que para o ano que vem prevê estabilidade das vendas em relação a 2015.

O executivo explica que, hoje, na América do Sul, as margens das montadoras estão negativas em cerca de 8% na comparação com 2012. O Brasil responde pela maior fatia das vendas na região. "Houve um aumento de custos importante no último ano, mas que não pode ser resolvido porque há sobrecapacidade", pondera.

Segundo ele, atualmente a indústria automotiva brasileira opera com 52% de ociosidade. "Este cenário prejudica muito a rentabilidade", pontua. Zarlenga afirma que, diante do quadro, a empresa trabalha em ganho de produtividade e eficiência nos custos e preços. "Nosso plano é de longo prazo no Brasil", garante.

### **Vendas diretas**

Desde o lançamento do compacto Onix, por diversas vezes a montadora vem revezando a liderança de emplacamentos com o Palio (Fiat). "Não vamos brigar pela liderança a qualquer custo. Tanto que não atacamos as vendas diretas (frotistas) para ficar à frente", disse o CFO da GM.

Para o vice-presidente da Ford América do Sul, Rogélio Golfarb, justamente a estratégia de algumas montadoras de elevar as vendas para frotistas com o objetivo de manter volumes de produção tem prejudicado as margens do setor.

Ele explica que os descontos concedidos nas chamadas vendas diretas acabam derrubando o valor de revenda destes veículos, que irão competir diretamente com modelos novos. "A indústria como um todo está com problemas de caixa para pagar as contas", pondera Rogélio Golfarb.

Segundo o executivo da Ford, de janeiro a agosto de 2011 as remessas de lucros das subsidiárias brasileiras para suas matrizes somaram cerca de US\$ 3,7 bilhões. No mesmo período deste ano, ficaram em US\$ 100 milhões. "Deixamos de ser emissores de lucros para nos tornarmos tomadores de empréstimos", explica.

Golfarb ressalta que, mesmo com os ajustes recentes de produção, os estoques continuam crescendo. "A indústria está produzindo mais do que precisa. Ainda há espaço para cortes de produção", avalia.

## **Entidades defendem medidas alternativas para combater crise econômica**

22/10/2015 – Fonte: DCI

A Força Sindical declarou que a decisão do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) em manter a taxa Selic em 14,25% é extremamente perversa para os trabalhadores. "O governo continua colocando uma trava no desenvolvimento e no crescimento econômico do País. Essa política econômica não funciona mais", disse, em nota, o presidente da entidade, Miguel Torres.

O presidente disse que a postura conservadora do governo vem minando uma esperança de recuperação ainda este ano. Segundo a Força, a política atual resulta em queda da atividade econômica, deteriora o mercado de trabalho e a renda, aumenta o desemprego, diminui a capacidade de consumo das famílias e compromete o crescimento.

"Vale destacar que juros altos sangram o País e inviabilizam o desenvolvimento. O mercado de trabalho tem diminuído o ímpeto da geração de empregos ao mesmo tempo em que a indústria tem piorado seu desempenho nos últimos meses", acrescentou Torres.

Na avaliação da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), o rápido aumento do desemprego e a retração acentuada da atividade econômica devem ter colaborado para a decisão de manutenção da taxa pelo Copom.

"Mesmo com a inflação ainda elevada – quase 10% em 12 meses –, a pressão recente exercida pela alta do dólar e a deterioração das expectativas para a inflação do ano que vem – que já se aproximam do teto da meta –, na balança do Banco Central prevaleceu o bom senso", declarou em nota.

A entidade avalia que, sem a colaboração da política fiscal, a política monetária tende a perder sua eficácia e o país corre o risco de ter de conviver com estagnação da economia, juros altos e inflação elevada, uma "combinação perversa que prejudica especialmente a população mais pobre e o setor produtivo, e coloca em risco as conquistas sociais obtidas na última década".

De acordo com a FecomercioSP, apesar do agravamento da crise, o governo ainda não conseguiu se articular e apresentar um plano consistente de ajuste das contas públicas.

"É hora de assumir equívocos passados e aceitar os custos políticos de reformas urgentes, sem apelar para novos aumentos de impostos – que resultariam apenas em recessão e inflação, sem garantia de aumento da arrecadação".

Pela segunda vez seguida, o Banco Central não mexeu nos juros básicos da economia. Por unanimidade, o Copom manteve hoje (21) a taxa Selic em 14,25% ao ano. Os juros básicos estão neste nível desde o fim de julho.

## Montadora produz mais do que deveria

22/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

O vice-presidente da Ford na América do Sul, Rogélio Golfarb, disse ontem que não há sinais de um processo de estabilização da retração do setor automotivo. "As vendas e a produção caíram, mas os estoques continuam resilientes, o que significa que o setor continua produzindo mais do que deveria", disse.

Segundo ele, a resiliência dos estoques mostra que os cortes de produção realizados até agora não foram suficientes. "Temos espaço para cortar mais, apesar do PPE (Programa de Proteção ao Emprego) e apesar do *lay-off*", afirmou. Em setembro, a produção de veículos caiu 42,1% em relação a igual mês do ano passado.

Em relação à Ford, Golfarb disse que os estoques da montadora estão em nível inferior à média do mercado. "Mas isso não significa que não temos de fazer ajuste", ponderou. Ele declarou ainda que o segmento vive um problema de caixa, não de lucro. "O lucro é coisa do passado, agora o problema é falta de caixa para arcar com compromissos. Em um momento como este, fica mais agudo o dilema de subir ou não subir preço", disse.

A General Motors (GM), embora esteja esperando uma nova retração do setor automotivo em 2016, mantém sua expectativa de investir R\$ 13 bilhões no Brasil até 2019, afirmou o presidente da montadora na América do Sul, Carlos Zarlenga, no mesmo evento.

"Nossas decisões de investimento são de longo prazo e, portanto, não têm relação com o ambiente econômico. A indústria tem ciclos e neste momento não estamos mudando nossa perspectiva de investimentos", disse o executivo. O plano de R\$ 13 bilhões foi anunciado em julho, o dobro do que a montadora havia projetado inicialmente.

"O que podemos fazer é analisar quais produtos são mais atrativos, em quais segmentos seremos agressivos. No geral, vamos continuar acompanhando o mercado", afirmou. Para 2016, a GM espera que o setor automotivo como um todo registre uma queda de 20% nas vendas em relação a 2015, para algo em torno de 2 milhões de unidades.

Na sua avaliação, 2016 representa um final de um ciclo de retração do setor iniciado há dois anos. "A partir de então poderemos ver algum crescimento", disse. Para ele, o Brasil tem sido a principal preocupação da montadora na América do Sul, uma vez que os demais países da região apresentam crescimento.

**Fenabreve** - Já o presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), Alarico Assumpção, disse que o setor está no aguardo de uma solução política em Brasília para iniciar uma recuperação das vendas de veículos em 2016, mais precisamente no segundo trimestre do ano que vem.

"Se não houver uma solução política, com a implementação do ajuste fiscal, podemos ter um retardo nessa recuperação", afirmou o empresário. "A crise política, em meio a uma economia derrapante, gera uma duplicidade de problemas e afeta a confiança do investidor e do consumidor", explicou.

Segundo Assumpção, a crise econômica já resultou no fechamento de 776 concessionárias no acumulado de janeiro a setembro deste ano, resultando na demissão de aproximadamente 17 mil trabalhadores. Ele disse ainda que outras 403 foram abertas no período, gerando um saldo negativo de 373 empresas.

A expectativa da Fenabreve é de que mil empresas sejam fechadas ao término deste ano. O presidente da entidade também reafirmou que, para o próximo exercício, a previsão é



de crescimento nas vendas em torno de 4% ou 5%. No acumulado de 2015 até setembro, as vendas caíram 32,5% ante igual período de 2014.

## **Crise esconde grandes oportunidades**

22/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A sabedoria popular diz que na crise estão escondidas grandes oportunidades e basta garimpá-las para alcançar o sucesso. Em diferentes setores é possível encontrar exemplos dessa máxima, inclusive no mercado de arte.

Enquanto galeristas tradicionais se esforçam para manter corredores e negócios movimentados, a Quartoamado, inaugurada em 2014 na região da Savassi, e dedicada ao lançamento de jovens artistas, comemora um 2015 de crescimento.

O idealizador da Quartoamado, Bernardo Biagioni, viu um novo público se aproximar. "Por trabalharmos como jovens artistas temos um perfil mais acessível. Nesse momento eles também soam como um bom investimento, então temos colhido bons frutos em 2015. De alguma maneira a crise obriga a todos nós a olhar mais o entorno e pensar diferente", afirma Biagioni.

A galeria representa 12 artistas locais e atua por meio de residências localizadas, exposições itinerantes, pinturas ao vivo em eventos, sempre registradas em fotografia e vídeo por artistas audiovisuais. Uma das principais características da galeria é o trabalho em plataformas externas, como os murais. O projeto existe desde 2012 e ganhou uma sede física no ano passado.

Este ano, foram convidados para pintar os 90 quartos, além de nove corredores, *hall*, academia e em um espaço de conveniência do hotel Ramada Encore, no bairro Luxemburgo, na região Centro-Sul, ainda a ser inaugurado.

A Quartoamado também foi convidada para participar das comemorações de 25 anos da marca de calçados Luiza Barcelos apresentando uma exposição de sapatos imaginários no Minas Trend Primavera Verão 15/16.

"Foi o nosso melhor ano, disparado, justamente por essa mudança de foco das grandes empresas. No passado era provável que elas gastassem muito mais comprando quadros. Mas elas voltaram sua atenção para novas possibilidades. Estamos vivendo um momento muito potente na criação artística na cidade. E o público que também está mudando. Existe um momento além da crise econômica que exige inovação e atitude", avalia o empreendedor.

**Dólar** - Na avaliação do galerista Murilo Castro, proprietário da galeria que leva o mesmo nome, a desvalorização do real prejudicou as vendas internas das obras de artistas cotadas em dólar. Dessa forma, artistas nacionais ainda cotados em reais podem se beneficiar desse movimento.

"Colecionadores brasileiros que buscavam ampliar suas coleções com obras estrangeiras diminuíram o ritmo. Parte desse mercado pode se voltar para os novos artistas, especialmente aqueles que já estão em um caminho ascendente. Este é um mercado marcado pela negociação individual e discreta. "É possível realizar um bom negócio entre galeria e cliente. Só não vale pechinchar com o próprio artista", ensina Castro.

Apesar de não repetir o mesmo resultado de 2014, o empresário não reclama e considera que chegou onde era possível em um ano difícil para todos os setores. "A realidade econômica afeta todo o processo de circulação da arte. Vivemos um clima ruim e esse



mercado é muito influenciado por isso. Trabalhamos com sentimentos, valores estéticos e de prazer e um cenário desanimador.

"É importante ressaltar que o volume de negócios diminuiu, mas o valor das obras não. Como patrimônio praticamente não registramos perdas. A arte ainda é um reservatório de valor", ressalta o galerista.

O galerista Orlando Lemos, que comanda a Orlando Lemos Galeria, no Jardim Canadá, em Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), concorda com os colegas no que diz respeito aos jovens artistas. "Esse é o momento de valorizar os jovens artistas, priorizá-los nas paredes principais da galeria", afirma Lemos.

## **Indústria mineira recebe com desapontamento decisão de manter a Selic em 14,25%**

22/10/2015 – Fonte: Diário do Comércio

O Comitê de Política Monetária (Copom) manteve por unanimidade na noite desta quarta-feira a taxa Selic em 14,25% ao ano. Os juros básicos estão neste nível desde o fim de julho.

Atualmente, a Selic retorna ao nível de outubro de 2006. A taxa é o principal instrumento do BC para manter sob controle a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A indústria mineira recebeu a decisão com desapontamento, já o comércio comemorou a manutenção da taxa.

Em nota, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), explicou que se preocupa com a aceleração da inflação, pois em última instância ela afeta todos, os consumidores, que perdem o poder de compra, e as empresas que se defrontam com custos crescentes de produção.

"Todavia, uma taxa de juros tão alta quanto essa do Brasil tem sido incapaz de conter a evolução da inflação, e, ao mesmo tempo, tem contribuído para sufocar a capacidade de investimento do país e a capacidade de consumo da população, afetando, em última instância as vendas industriais.

Mas não são só as empresas e consumidores que têm convivido com recursos financeiros cada vez mais escassos e caros. O próprio poder público é obrigado a alocar cifras cada vez maiores para o pagamento de juros da dívida pública, sendo forçado a reduzir investimentos em infraestrutura, educação e saúde".

De acordo com o presidente da Fiemg, Olavo Machado Junior, as evidências indicando o agravamento da recessão brasileira acumulam-se diariamente. "O PIB brasileiro registrou queda de 2,1% no primeiro semestre do ano e os dados do segundo semestre apontam para um aprofundamento da contração econômica. E a taxa de desemprego em agosto avançou para 8,6%, de acordo com a pesquisa do IBGE. No mesmo mês de 2014, essa taxa estava em 6,9%", avalia.

O presidente da Fiemg destaca ainda que na indústria, em particular, a situação é crítica. Ao final de junho, a queda da produção industrial acumulada em 2015 era de 6,2%. Em agosto, o resultado negativo passou para um recuo de 6,9% na mesma base de comparação. Neste mesmo período, de acordo com pesquisa da CNI, o faturamento da indústria de transformação caiu 6,6% em termos reais. Em Minas Gerais, a queda no faturamento é ainda maior, chegando a quase 15%.

"Para piorar a situação, em meio à virtual paralisia política que impede a discussão dos

temas essenciais à retomada do crescimento econômico, nossos economistas alertam que é quase inevitável mais uma expansão da carga tributária nesse e nos próximos anos, dado o desajuste fiscal construído pelo governo nos últimos anos.

Uma provável consequência desse processo é a contínua perda de competitividade do Brasil frente ao resto do mundo, reforçando um círculo vicioso de queda do crescimento econômico e da renda real em relação aos demais países.

Não há país no mundo, em nenhum momento da história, que registre elevadas taxas de crescimento da economia mantendo uma altíssima carga tributária, baixíssimo investimento e uma das mais altas taxas de juros do mundo. Empresários e sociedade precisam pressionar pela mudança deste modelo", ressalta Olavo.

Já o comércio varejista recebeu bem a notícia da manutenção da taxa Selic, a pouco menos de dois meses para a data mais aguardada pelos comerciantes, o Natal. Em nota, a Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL-BH), explicou que a última decisão de manutenção, que encerrou o longo ciclo de aumentos, já começou a surtir efeitos positivos tendo em vista que a inflação continua alta, porém sem picos.

"Fato que demonstra o acerto da decisão do Banco Central (BC). Além de que um aumento na atual conjuntura econômica prejudicaria ainda mais o setor que vem sofrendo ao longo do ano com a queda das vendas".

Ainda em nota, a CDL-BH destacou que o comércio realmente espera medidas de controle de inflação menos onerosas para o setor produtivo e também para os consumidores. "O país precisa é de um pacote de medidas econômicas eficientes.

Pois não há como termos um Produto Interno Bruto (PIB) com resultados positivos se não houver corte nos gastos públicos (despesas administrativas e não cortes em investimentos que geram infraestrutura e fomentam a economia), ampliação dos investimentos produtivos, responsabilidade fiscal e reformas estruturais.

A projeção do mercado é que a taxa de juros permaneça em 14,25% até o fim do ano, contribuindo com o controle da inflação. Fator que aliado à injeção de capital extra na economia com o pagamento do décimo terceiro para os trabalhadores incentivará as vendas natalinas".

## **Paraná – Programas de Parcelamento (PPI e PPD) PRORROGAÇÃO DE PRAZO**

22/10/2015 – Fonte: Gaia, Silva, Gaede & Associados - Advogados

O Estado do Paraná prorrogou o prazo de adesão ao Programa Especial de Parcelamento, instituído pela Lei nº 18.468/2015 e regulamentado pelos Decretos nºs 1931/2015 e 1932/2015 para 30/10/2015.

O Programa é destinado à regularização de débitos tributários e não tributários, com redução de multa e juros, para pagamento em parcela única ou parcelamento em até 120 meses.

Para pagamento em parcela única, no caso dos débitos tributários, a multa fica reduzida em 75% e os juros em 60%. Já para débitos não tributários a redução para pagamento em parcela única será de 75% sobre os encargos financeiros.

Também poderá ser realizado o parcelamento dos débitos em até 120 meses. Neste caso, os débitos tributários terão redução de 50% da multa e os juros serão reduzidos em 40%, enquanto as dívidas não tributárias terão redução de 50% dos encargos financeiros.

Além disso, os honorários incidentes sobre as dívidas ativas ajuizadas ficam limitados a 1% do valor pago ou parcelado e para parcelamento não será exigida a apresentação de garantias.

Nos próximos dias os auditores fiscais da Coordenação da Receita do Estado entrarão em contato com os contribuintes que possuem débitos com direito aos benefícios para orientações e maior detalhamento da Lei nº 18.468/2015.

Para consultar os débitos, realizar simulações, imprimir GR-PR para pagamento em parcela única ou realizar os parcelamentos, o requerente deverá acessar o Programa Especial de Parcelamento no [www.fazenda.pr.gov.br](http://www.fazenda.pr.gov.br), [www.ppi.pr.gov.br](http://www.ppi.pr.gov.br) ou [www.ppd.pr.gov.br](http://www.ppd.pr.gov.br).

## **REFIC 2015 – Programa de Recuperação Fiscal de Curitiba**

22/10/2015 – Fonte: Gaia, Silva, Gaede & Associados – Advogados

Os Contribuintes, pessoas jurídicas ou pessoas físicas, que possuam dívidas fiscais junto à Prefeitura de Curitiba, relativamente ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e Imposto sobre Serviço (ISS) já podem regularizar respectivas pendências aderindo ao Programa de Recuperação Fiscal de Curitiba (REFIC 2015).

Destacamos que o REFIC 2015 abrange débitos de IPTU inscritos em dívida ativa e ISS devido até a competência do mês de agosto de 2015, e outros débitos de natureza tributária e não tributária desde que vinculados a uma indicação fiscal, inscrição municipal ou número fiscal, constituídos ou não, inscritos ou não em dívida ativa, ajuizados ou a ajuizar, com exigibilidade suspensa ou não.

A opção pelo REFIC 2015 implica em confissão dos débitos fiscais, com expressa renúncia a qualquer defesa ou recurso administrativo ou judicial, bem como na desistência dos já interpostos, além de aceitação plena e irrevogável de todas as condições estabelecidas.

### **O prazo para a adesão começou na segunda-feira (19/10) e vai até o dia 30/12/2015.**

O parcelamento poderá ser efetuado da seguinte forma:

- I. **em parcela única** com a exclusão de 90% do valor dos juros e 80% do valor da multa incidente sobre o débito devido;
- II. **em até 3 parcelas** com a exclusão de 80% do valor dos juros e 70% do valor da multa incidente sobre o débito devido, sem juros futuros nas parcelas; ou
- III. **em até 6 parcelas** com a exclusão de 70% do valor dos juros e 60% do valor da multa incidente sobre o débito, sem juros futuros nas parcelas;
- IV. **em até 12 parcelas** com a exclusão de 60% do valor dos juros e 50% do valor da multa incidente sobre o débito, com juros de 0,5% ao mês ou fração;
- V. **em até 24 parcelas** com a exclusão de 50% do valor dos juros e 40% do valor da multa incidente sobre o débito, com juros de 0,8% ao mês ou fração;
- VI. **em até 36 parcelas** com a exclusão de 40% do valor dos juros e 30% do valor da multa incidente sobre o débito, com juros de 1% ao mês ou fração;
- VII. **em até 60 parcelas** sem a exclusão de juros e multa moratória, com juros de 1,2% ao mês ou fração.

Até mesmo os contribuintes com acordo de parcelamento vigente poderão aderir ao REFIC 2015, em relação ao saldo devedor.

Para aderir ao REFIC 2015, o contribuinte deve comparecer pessoalmente na sede da Prefeitura (Palácio 29 de Março, Avenida Cândido de Abreu, 817, Centro Cívico), entre 8h

e 17 horas e segundo a Prefeitura neste primeiro momento o processo de adesão pela internet ainda não estará disponível.

O parcelamento será revogado automaticamente, independente de notificação, pelo atraso no pagamento de qualquer das parcelas em período superior à 60 dias contados da data do seu vencimento, bem como se não for promovida a desistência e expressa renúncia a qualquer defesa ou recurso administrativo ou judicial, além da desistência dos recursos e defesas já interpostos e também pelo não pagamento das custas processuais devidas.

Por fim, segundo a Lei Complementar nº 95/2015 o REFIC 2015 não configura novação prevista no inciso I do art. 360 do Código Civil.